



SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: CRIAÇÃO DE SENTIDO NA INTERAÇÃO ENTRE A PESSOA E SEUS ESPAÇOS DE VIDA

Ariane Kuhnen

RESUMO

As idéias expressas neste artigo pressupõem que as características morfológicas de um lugar são captadas pela percepção em função de particularidades de determinadas operações fisiológicas humanas, assim como das condições ambientais e da estrutura configurativa do espaço. Entretanto, ainda entende-se que a comunicação deste ato perceptivo vai depender também de componentes psicossociais, não tão facilmente detectáveis como os anteriores. Esses irão possibilitar a decodificação das informações que, finalmente, transformam o que se vê em significados.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Psicologia; Paisagem Ambiental; Identidade de Lugar.

ABSTRACT

Les idées exprimées dans cet article présupposent que les caractéristiques morphologiques d'un lieu donné sont distingués par la perception en fonction des particularités des opérations physiologiques humaines ainsi que par les conditions environnementales et des structures de configuration de l'espace. Cependant, on peut s'accorder sur le fait que la communication de cet acte perceptif dépend aussi des composantes psychosociales, pas forcément détectables comme les antérieures. Ces composantes pourront permettre le décodage des informations que finalement transformeront ce que l'on voit en signifiants.

Keywords: Environnement; Psychologie Environnementale; Paysage; Identité de Lieu.

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: CRIAÇÃO DE SENTIDO NA INTERAÇÃO ENTRE A PESSOA E SEUS ESPAÇOS DE VIDA

A natureza tem uma maneira muito simples de nos espantar : É fazer as coisas grandes (...) mas, por mais que a natureza faça coisas grandes, o homem imagina facilmente coisas ainda maiores.
- Gaston Bachelard



Vista parcial da Lagoa da Conceição, ao fundo campo de dunas e praia da Joaquina - Florianópolis

1. CRIAÇÃO DE SENTIDO: INTERAÇÃO ENTRE A PESSOA E SEUS ESPAÇOS DE VIDA

Parece acertado afirmar que o meio ambiente físico e social, assim como as modalidades de interação desenvolvidas entre a pessoa e seus espaços de vida cotidianos, contribuem na avaliação dos lugares e da paisagem. Neste campo de interfaces a simbolização é um processo importante. Fenômeno que surge quando os espaços e as coisas têm um papel ativo no mundo referencial de uma pessoa ou coletividade. O surgimento do significado socialmente adquirido é construído através do tempo e da manipulação dos usuários. Entendo que será a partir do processo de apropriação e identificação que, por exemplo, uma paisagem será avaliada. Um determinado lugar poderá apresentar características agradáveis, de prazer e realização ou ao contrário, causar estranheza e mal estar às pessoas. Penso que a impossibilidade de apropriação leva a não apreciação do local, podendo levar até a sua

depredação. Já a significação de um espaço transforma-o qualitativamente. Portanto pode-se vislumbrar que a criação de sentido de lugar é definida pelo resultado de conjugações de ações e concepções tanto quanto dos atributos físicos.

As características morfológicas de um lugar são captadas pela percepção em função de particularidades de determinadas operações fisiológicas humanas, assim como das condições ambientais e da estrutura configurativa do espaço. Entretanto a comunicação deste ato perceptivo vai depender também de componentes psicossociais, não tão facilmente detectáveis como os anteriores. Esses irão possibilitar a decodificação das informações que, finalmente, transformam o que se vê em significados. Tal "*engenhosidade*" humana torna a percepção um fenômeno culturalmente definido. Em se tratando de percepção ambiental esta poderá ser definida como um "*processo a partir do qual se organiza e interpreta a informação sensorial em unidades significativas para configurar um quadro coerente do entorno ou de uma parte dele.*" (POL et al, 1999, p.326)

Por certo não se pode negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um espaço quando se busca compreender o processo de identificação com ele. É certo que o espaço existe em sua materialidade física, mas a transformação destes espaços físicos em espaços sociais e a relação que o homem estabelece com estes é também muito importante quando se pensa em preservação, cuidado, patrimônio, história etc. Neste sentido o conceito de *apropriação*, em sua conotação psicológica, parece-me ser uma abordagem que permite compreender a intencionalidade de certas práticas sociais e as modalidades de relação que o homem estabelece com o espaço físico e social. Contudo é preciso não perder a dimensão de que não nos situamos somente em relação aos lugares mas em relação aos outros também.

2. PERCEPÇÃO, REPRESENTAÇÃO E PAISAGEM



Pesca artesanal na Lagoa da Conceição - Florianópolis, SC

Ao se trabalhar com a relação pessoa/sociedade/meio ambiente freqüentemente encontram-se confusões entre os conceitos de percepção e representação, que são tidos como processos psicológicos similares. Isto ocorre, segundo RAMADIER (1997), devido à dificuldade de isolar um processo do outro, o que enfatiza o indivíduo como um sujeito social que seleciona e organiza impressões e informações disponíveis. Entretanto lembra o autor: "...o espaço não é unicamente estruturado segundo um sistema de significações socialmente determinados que será independente de uma realidade espacial. Ao contrário as significações elaboradas contribuem para ajustar o espaço representado ao espaço objeto." (p.341). KOHLSDORF (s/d), baseando-se em alguns estudos piagetianos, afirma que na noção de espaço há apenas duas referências cognitivas universais, são elas: a relação topológica e a perspectiva. A primeira dá a noção da posição do observador em relação aos limites do espaço e a segunda organiza a cena no campo visual. Locais que possuem tais referências deveriam ser eleitos como "*patrimônios*", já que são reconhecidos por todos. Para a autora a especificidade deste tipo de local revela seu valor, deveria ser guardado como fonte de preservação da memória coletiva de um povo. Seu valor está na sua identidade, no que o torna único na história. Descaracterizá-lo ou ser irresponsável quanto à sua manutenção deveria ser visto como um crime. Para ela:

O caráter inconfundível de um lugar faz o sentido de sua preservação, e esta passa a ser inquestionável porque gerações presentes e futuras têm o direito de receber informações sobre memória dos grupos sociais inscrita no espaço. Ele participa de nossa história, cujo conhecimento estabelece condições afetivas para a formação da cidadania através do reconhecimento do fazer humano progresso. Os lugares estão em nossa memória e identidade, as quais passam pela trama das relações sociais, compartilhando códigos e sendo simultaneamente afetividade na lembrança do passado.

A cada dia a civilização ocidental sobretudo, se convence mais de que ganhou em progresso e perdeu em outras dimensões da vida. A paisagem é uma delas. Enquadrada dentre tantas outras perdas, que lamentamos a cada dia, caracteriza um dos aspectos da relação sociedade/natureza. Como para acompanhar estas mudanças, o entendimento do termo paisagem também evoluiu como advertem RATIU e MOSER (1996). Encontra-se atualmente o termo *paisagem urbana* sem sequer fazer referência aos conceitos de natureza ou natural, como anteriormente. Mas de qualquer lugar que se esteja falando, por certo não se pode negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um espaço quando se busca compreender o processo de identificação com ele. Em se tratando do valor estético de uma paisagem distinguem-se os valores subjetivos e os objetivos, as valorizações particulares ou as amplamente apreciadas e monetarizadas.

Permeia nosso entendimento da questão que a qualidade do belo ou é dependente de referenciais pessoais, culturais e sociais ou, em oposição, é algo apreendido imediatamente sem que necessite de reflexão. Sem dúvida Kevin LYNCH (1998) é um dos nomes mais respeitados em estudos de percepção ambiental da chamada paisagem urbana. Para ele os atributos do meio ambiente, seja ele natural ou construído, influencia a percepção visual do indivíduo, formando imagens compartilhadas pela população. É importante e necessário desmembrar a dinâmica constituída na combinação entre a herança e a mudança que comanda a percepção dos lugares e as práticas e, explicar as relações que os sistemas sócio-espaciais delimitados. Entendo que é a partir do processo de apropriação e identificação que uma paisagem particular é avaliada.

Apesar das modificações identificadas no conceito de paisagem ainda é freqüente vinculá-lo ao caráter estético, especialmente presente na percepção da qualidade visual, na apreciação de panoramas. Muitos estudos psicossociológicos demonstram como se dão estes impactos na vida humana (KAPLAN, 1987; HERZOG, 1989; NEWEL, 1997). No Brasil este tema tem sido abordado especialmente pela geografia, onde o conceito de topofilia que se utiliza TUAN (1980) é o mais comumente encontrado. Este termo pretende dar conta da compreensão e aspirações do homem em termos de qualidade ambiental. O mais conhecido dos geógrafos brasileiros, nosso saudoso Milton SANTOS (1986), amplia o conceito de paisagem e a define como resultante do processo histórico. A natureza está, para ele, sempre em relação às mudanças e às necessidades da sociedade. Idealiza este autor que:

Devemos nos preparar para estabelecer os alicerces de um espaço verdadeiramente humano...um espaço Natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um fetiche; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por outra mercadoria, o homem fetichizado. (p.27)

JODELET (1982), em seu estudo acerca da representação espacial da cidade de Paris, mostra que esta se fixa em torno das significações sociais da "ambiance" ou clima social, do valor simbólico ou histórico dos lugares e que, por fim, vão definir a centralidade e as imagens sociais da cidade. Estas por sua vez irão determinar os conhecimentos e as preferências ambientais, assim como as escolhas residenciais. Dentre os estudos que consideram a paisagem um elemento constitutivo da identidade do indivíduo, PROSHANSKI (1976, 1982) oferece, com seu arcabouço teórico, excelentes indicações para se buscar compreender a realidade. Nesta abordagem a paisagem é definida por um conjunto de elementos cognitivos impregnados de valores tanto positivos quanto negativos e dos papéis que o indivíduo desempenha. O desenvolvimento dessa dimensão ambiental da identidade é vinculada às etapas do ciclo da vida e à auto-estima do sujeito e é modulada pela moradia, escola e vizinhança.

RAMADIER (1997, p.37), ao alertar para a existência de abordagens teóricas que confundem percepção com cognição, indica uma saída pelo postulado de que: "o indivíduo é um sujeito ativo que interpreta o meio com o qual interage, e constrói seu ambiente." O vivido será utilizado como suporte para suas interpretações e os objetivos e intenções auxiliam na construção de seu ambiente. Através da apropriação, como nos fala PROSHANSKI, buscaremos atender estes objetivos atribuindo ao espaço características ambientais que possam exaltar nossa identidade individual, dando uma impressão de familiaridade, de controle cognitivo ao espaço.

3. AS REPRESENTAÇÕES DE NATUREZA

A problemática da relação entre o ser humano e o meio ambiente é um tema fronteiro a várias ciências e a questão mais difícil é sempre situar o sujeito, enquanto natureza, como criatura pertencente ao ecossistema terra, ou se está fora da parte material e inanimada da natureza. É sempre difícil diferenciar um ser vivo de outros seres e saber qual o limite para tal. A única certeza que se tem é que o ser humano

pode distanciar-se e antecipar-se aos outros elementos que constituem o planeta. Mas esse distanciamento tem, freqüentemente, levado a um certo tipo de dominação que fragiliza os demais elementos e tem provocado rompimentos importantes no interior dos ecossistemas. Ao falar-se em natureza é difícil evitar as contradições das significações múltiplas que o assunto suscita. Isso pode ser notado já ao se buscar uma definição de natureza. Incrustada em cada momento histórico advém de produções temporais que se sucedem sem anular as precedentes, interpenetrando-se e subsistindo como "*subterrâneas*" às seguintes. Segundo BESSE (1997) convivem atualmente três direções de sentidos nas representações de natureza. Ou seja, a natureza encarada do ponto de vista metafísico, técnico-científico e ligada ao horizonte de responsabilidade e demanda ética.

A compreensão metafísica da época moderna via a natureza como paisagem, enquadrada como categoria estética. Esta visão atravessa toda a história do pensamento ocidental. A descoberta da importância da paisagem e de certos modos de vida como fator de desenvolvimento econômico e social, através do turismo por exemplo, mostram quanto a natureza tornou-se um elemento estruturante do desenvolvimento econômico das sociedades. Há cidades ou mesmo países que vivem sobretudo deste tipo de recurso e dependem em grande parte dos elementos naturais para assegurar uma economia estável. Dentro desta compreensão BESSE (idem, p.36) sugere uma classificação que leva a três direções interpretativas. São elas: "1. *A natureza como profusão espontânea, como fonte e recurso do ser*; 2. *A natureza como fundamento substancial dos seres, dos sentimentos e das ações e*, 3. *A natureza como finalidade, como orientação a um gênero.*" Cada uma destas poderá ser encontrada hora ou outra nos discursos, na produção científica ou na mídia. A primeira é a mais fácil de ser visualizada. Aqui natureza significa aquilo que nasce e renasce num ciclo infinito, como uma força criativa que emana dos seres. Esta concepção leva à segunda, onde se encontra a dimensão essencial dos seres ou a verdade interna, componente alvo do conhecimento e de explicações científicas. É sobre esta representação de natureza como substância que repousa a clássica distinção entre natural e artificial, onde natural é essência, que possui em si mesmo o princípio das transformações, e artificial muda a condição pela qual é afetado. A terceira dimensão qualifica o dinamismo espontâneo da natureza orientado a um fim em função de necessidades internas a ela e em vistas a realização de suas potencialidades. "*Todo ser busca realizar sua natureza e é esta finalidade que define de modo imanente sua organização...*" (idem, p.38)

Historicamente vê-se que a representação do mundo e da natureza enfrentou uma grande mudança advinda das conseqüências da revolução científica iniciada no século XVII, sobretudo no que concerne à substancialidade da natureza e à sua finalidade. A modernidade criticou estes dois adjetivos e prescreveu que a natureza é determinada como um sistema de fenômenos e de leis que regulam a sucessão desses em condições determinadas. "*A natureza do projeto científico moderno não é mais englobado como potencial escondido atrás dos fenômenos e os guiando na sua fenomenolização, mas como sistema e como regularidade num encadeamento de fenômenos.*" (idem, p.41). No lugar da noção de finalidade teremos a natureza unicamente explicável em virtude de considerações espaciais e estruturais, sem considerar qualquer orientação imanente ou final, ou como diz BESSE, nenhum princípio de um universo de valores. Tem-se aí a busca da legitimação através de um projeto técnico de utilização da natureza, de integrá-la num horizonte da técnica onde:

A natureza conserva no entanto seu estatuto de alteridade com respeito à liberdade, mas à custa de um deslocamento fundamental em relação à concepção pós-moderna: não é mais a natureza que é fonte de novidade e de renovação do ser e da verdade, mas a liberdade entendida como poder de iniciativa e de subversão da ordem estabelecida. "*A natureza é o outro da liberdade, aquilo que se opõe à liberdade e lhe permite de provar-se como tal.*" (BESSE, 1997, p.42)

Será então própria desta significação de natureza à qualificação de homem livre em oposição à natureza, que por sua vez será encontrada sob a forma de representações científicas que, pouco a pouco, vem sendo substituída por uma visão inédita, a significação ética da natureza. Esse novo sentido ético exige da humanidade ações responsáveis para com o planeta, colocado em perigo segundo as conclusões de estudos científicos, resultantes das intervenções perigosas que se efetuaram na modernidade, onde se acreditava na reversibilidade e na incomensurabilidade dos recursos naturais. Agora surge a missão de guardar, preservar para sobreviver, substituindo a noção fragilizada de conservar-se por si mesma. BESSE (idem, p.50) conclui que pela nova ética "...uma responsabilidade para com a natureza não se opõe a uma preocupação de salvaguardar o domínio da experiência do humano, mas ao contrário, ela é a condição."



Abraçando a Lagoa - Manifestação em favor de sua preservação

4. A APROPRIAÇÃO DO MEIO E A DIALÉTICA PERTENCER/NÃO PERTENCER AOS LUGARES

Os ambientes arquitetônicos e também os urbanos criados pelo homem são a expressão de processos de filtragem cultural e permitem desvelar como os diferentes povos usam seus sentidos. É o que Edward T. HALL chamou de *percepção*. Algumas dimensões psicológicas do espaço sobretudo desenvolvidos pela psicologia ambiental buscarão o sentido dialético da relação indivíduo/meio. Estas perspectivas tendem a encarar esta relação como socialmente construída, o espaço é então encarado como produzido e desenvolvido a partir da especificidade da relação. Entretanto esta explicação não deveria conduzir à falsa noção de que o mundo material não existe. A existência concreta é um aspecto da formação social da existência, ou como afirma FISCHER (idem, p.10): "o espaço é o espelho de um mundo fabricado, modelado pelo homem."

Deve-se reconhecer a importância que tem os mecanismos de apropriação de espaço e os elementos que o configuram, pois através deles os indivíduos são capazes de criar ou captar significados, simbolizando e interagindo com os mesmos, levando-os a incorporá-los a sua própria identidade. Os espaços e as coisas que têm um papel ativo no mundo referencial de uma coletividade repercutirão no surgimento de significados através do tempo e da manipulação dos usuários. Os objetivos dos indivíduos em uma determinada situação são organizados e estruturados pelos processos sociais ou organizacionais que, associados a determinadas ações, são desenvolvidos em situação, ou seja, em um lugar específico. Recebem a influência de uma série de intervenientes, entre eles as experiências anteriores dos sujeitos. Portanto há uma interdependência entre o ambiente e o comportamento, onde ocorre uma dinâmica de troca entre o homem e o meio. Este quadro físico não deve entretanto ser dissociado do contexto social. A influência que o meio pode exercer sobre o comportamento depende da natureza do comportamento em questão e, o ambiente pode reforçar condutas já existentes mas jamais modificar os fundamentos destas. A fim de ampliar a compreensão de tais processos talvez seja importante explicar o processo de apropriação do meio, pois parece certo que somente tendemos a nos apropriar daquilo com que nos identificamos. Ao final das contas, a apropriação seria um processo de identificação. É a partir dela que as características de um lugar podem oferecer prazer e realização ou sensação de estranheza às pessoas. A impossibilidade de apropriação do espaço ou a sua desapropriação, como caracterizou Chombart de LAUWE (1976), faz com que o indivíduo ou o grupo sinta que tal espaço não lhe pertence. Para CANTER (1976) é através da apropriação que podemos transformar o espaço em lugar, ou melhor dizendo a criação de sentido de lugar, que definirá o resultado das conjugações, das ações, concepções e dos atributos físicos de um espaço. Como conclusão, podemos entender que quando uma pessoa se identifica com um espaço tende a personalizá-lo, a identificá-lo como seu, sente-se pertencente àquele lugar. Observa-se que quando as pessoas se identificam com um determinado lugar tendem a imprimir-lhe atributos ou signos que transmitem uma imagem de propriedade. Contudo, o sistema social vigente tende a concentrar o poder sobre o espaço na mão de alguns poucos como políticos, técnicos ou especialistas, dificultando o sentido de apropriação do espaço por todos.

Tendo a apropriação o papel de transformar espaços em lugares significativos para a pessoa ou grupo, este processo tem, segundo PROSHANSKY (1976), dois sentidos, um que se dirige aos outros na conquista do espaço e outro a si mesmo, quando procura adaptar o espaço às suas necessidades. Para ele:

...esta conotação parece associar a apropriação do espaço aos conceitos de "territorialidade", de "proximidade" (proxemics) e de privacidade (privacy). Contudo, a apropriação do espaço é um processo que a pessoa pode dirigir ao quadro físico e não aos outros, nesse sentido ela tenta conquistar-lhe, adaptar-lhe às suas necessidades, dar-lhe características particulares e ainda muitos outros objetivos orientados a si.

Segundo este autor, a apropriação do espaço apresenta conseqüências positivas para o indivíduo ou grupo pois proporciona o sentimento de bem-estar. A pessoa sente-se em harmonia com o espaço e conseqüentemente este processo oportunizará uma forte identificação pessoal. Apresenta-se dentro de uma continuidade, onde a coerência advém de um equilíbrio entre as mudanças ocorridas através dos tempos, num contexto de modificações estruturais estáveis, que por sua vez estabelecem a forma e a substância destes mesmos processos. Sendo assim, as apropriações precisam ser constantemente reapropriadas a fim de serem mantidas. Tendo se

apropriado de um espaço as pessoas, grupos ou organizações tendem a preservar este controle. Por esta razão conheceremos situações em que se verifica a ocorrência de luta para manter e aumentar a apropriação do espaço mesmo que se visualizem mudanças nos quadros físicos, tenha-se novas prioridades, exigências normativas ou ocorram mudanças pessoais.

Outro fator importante diz respeito à atenção que deve ser dada à origem de uma apropriação. Não se pode visualizar um processo de apropriação apenas pela orientação de um fenômeno individual. Devem ser observadas como distintas as apropriações de origem individual, grupal e de organizações sociais, desviando-se assim dos freqüentes reducionismos individualistas tão presentes nos estudos psicológicos. Estes processos de apropriação do espaço inauguram elementos únicos que devem ser estudados separadamente mas eles possuem elementos unificadores comuns. Portanto, deve-se prestar atenção aos elementos que podem ser aplicados em todos os níveis da organização humana, seja ela individual ou grupal. São características enraizadas na complexidade e particularidade de cada um destes níveis. É preciso também entender que a apropriação não é um processo instantâneo ou automático e, por esta razão, haverá sempre a possibilidade de ocorrer uma má apropriação do espaço. Há nestes casos que se verificar os meios aplicados no sentido da realização desta. Ao mesmo tempo não se pode negligenciar as propriedades intrínsecas e contextuais de um determinado espaço quando se busca compreender o processo de apropriação. Estas servem num primeiro momento, para classificar o quadro físico em questão, seja ele familiar, de trabalho ou de lazer. Outro passo é classificar os acontecimentos de aproximação duráveis e passageiros e, por último, verificar o grau que se encontram outros indivíduos presentes no processo de apropriação. Nesta categorização dos quadros físicos será também de grande importância a natureza dos fatores normativos implicados, assim como seu papel em relação à apropriação do espaço. Neste sentido para PROSHANSKI (idem, p.41-42):

Não há quadros físicos que não sejam também por definição quadros sociais. Mesmo que nos ocupemos do processo de apropriação do espaço a nível individual, do grupo ou da organização social, as influências de variáveis do sistema social estão sempre presentes (...) mesmo que examinemos tipos particulares de quadros físicos, o processo de apropriação de espaço será formado pela natureza, assim como pelo objetivo, as tradições, as exigências e pelos tipos de indivíduos encontráveis nestes quadros.



Religiosidade e proteção - Procissão na Lagoa

5. CONCLUINDO NA DIREÇÃO DO ENTENDIMENTO DE COMO OCORRE O FENÔMENO DE APEGO AO LUGAR

Segundo PROHANSKI (1976) uma pessoa tanto se apropria de um espaço como se reapropria em reação às mudanças tanto ocorridas nela como no espaço de um contexto social mais amplo. Isso vai depender do gênero do evento indivíduo/meio em questão. Aqui podemos identificar algumas diferenças pessoais. Para algumas pessoas lugar é um espaço onde ela vive simplesmente e para outras viver constitui-se num processo de transformação de espaços em lugares. Neste processo há a manifestação de sua individualidade e de seu poder de criação, expressos tanto na maneira como arranja o meio físico como no modo que cria esta individualidade integrando certos aspectos deste meio. *"A identificação da pessoa com tais aspectos de seu mundo físico começa a aparecer a partir da totalidade de experiências do meio ambiente físico que ela teve durante os anos de formação de seu desenvolvimento."* (idem, p.42) Para cada papel identitário existem dimensões e características do entorno físico que ajudam a estabelecê-lo. A identidade inclui dimensões de lugar e de espaço que agrupadas constituem a identidade de lugar, que vem a ser a identidade em relação à sua percepção de espaço.

Se o indivíduo possui, além de uma existência social, acima de tudo uma existência física ocupante de um espaço, este por sua vez apresenta características ou propriedades intrínsecas como temperatura, iluminação etc e, caso o ambiente não venha a atender às suas necessidades e alcançar seus objetivos, o indivíduo tenderá a modificá-lo favoravelmente ao seu interesse. A identificação se efetivará se ele tiver um sistema conceitual organizado do que representa o objeto em questão, se apropriará deste espaço e o defenderá. Por exemplo, um novo morador de um conjunto habitacional poderá passar da sensação de estranheza à de sua casa (*chez soi*) utilizando para isso certos elementos que demonstram sua "*marca*". As referências estáveis são buscadas a fim de dar certa segurança ao locomover-se, portar-se, identificar-se. Isso demonstra que o espaço não tem um sentido somente funcional, ele é o resumo de uma vida, de experiências na vida pública e privada. A complexidade da apropriação do espaço é fundamental na interação entre sujeito e entorno físico. Trata-

se de um processo psicossocial fundamental tanto de ação como de intervenção sobre um espaço visando transformá-lo e personalizá-lo e, finalmente traduz-se sob a forma de apego ao local. Já sabemos que este pode ser percebido através das modificações físicas executadas sobre o objeto, que podem ser observadas e reconhecidas no estilo pessoal imposto, seja individual ou de um grupo específico. Podemos dizer então que este movimento permite ao indivíduo dar uma identidade ao espaço, ou seja, criar situações onde o espaço constitui-se para ele como uma ressonância, diria FISCHER. Certamente este arranjo do espaço dependerá da situação, variará conforme o tipo de espaço, de suas características, dos meios disponíveis para executar os projetos, assim como também de quem o utiliza. Varia dependendo da cultura, do nível social dos sujeitos e de suas aspirações.



Beleza inusitada de um dia nublado - Lagoa da Conceição

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSE, M. "Les sens de la nature dans les discours philosophiques." In: BESSE, J. M. et ROUSSEL, I. (dirs). **Environnement: représentations et concepts de la nature**. Paris: Harmattan, 1997, pp. 33-50.

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CANTER, D. "Un procede pour explorer l'appropriation du lieu." **Actes de la Conférence de Strasbourg.- Appropriation de L'espace**. Strasbourg: Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976, pp. 112-122. .

LAUWE, P-H Chombart de. "Appropriation de l'espace et changement social." **Actes de la Conférence de Strasbourg.- Appropriation de L'espace**. France: Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976, pp. 25-33.

FISCHER, G-N. **Psychologie de l'Environnement Social**. Paris: Dunod, 1997.

HALL, E. T. **La Dimension Cachée**. Paris: Editions du Seuil, 1972.

Herzog, T. R. "A cognitive analysis of preference for urban nature.", **Journal of Environmental Psychology**, no 9, 1989, pp.27-43.

JODELET, D. "Les représentations socio-spatiales de la ville." In: P. H. Derycke (ed.) **Conception de l'espace**. Paris: Université de Paris X, 1982, pp.145-177.

KAPLAN, A "esthetics, affect and cognition: environmental preference from an evolutionary perspective." **Environment and Behavior**, n.19, 1987, pp.3-22.

KOHLSDORF, M. E. "Percepção e preservação da identidade de lugares." **IV Congresso Latino-Americano sobre Cultura Arquitetônica e Urbanística**. Comunicação. s/d.

KUHNEN, A. **Reciclando o cotidiano : representações sociais do lixo**. Florianópolis : Letras Contemporâneas, 1995.

LYNCH, K. **L'image de la cité**. Paris: Dunod, 1998.

NEVEL, P. B. "A Cross-cultural examination of favorite places". **Environment and Behavior** n. 4, v. 29, jul. 1997, pp.495-514.

POL et al. "Psicología ambiental y procesos psicosociales." In: MORALES, J. F. (org). **Psicología Social**. Madrid: McGraw-Hill, 1999.

PROSHANSKI, H. M. "Apropriação et non Apropriação (Misappropriation de L'espace)." In: **Actes de la Conférence de Strasbourg.: Appropriation de l'espace**. Strasbourg: Ed. P. Korosec-Sefaty, 1976. pp. 34-49.

PROSHANSKI, H. M. "The city and self-identity." **Environment and Behavior**, n. 2, vol. 10, 1978, pp. 147-169.

PROSHANSKI, H. M.; FABIAN, A.; KAMINOFF, R. "Place identity, physical world, socialization of the self." **Journal of Environmental Psychology**, n.3, 1982, pp. 53-83.

RAMADIER, T. **Construction cognitive des images de la ville: evolution de la représentation cognitive de Paris auprès d'étudiants étrangers**. Paris, Université René Descartes. 1997. (Thèse - Doctorat en Psychologie), 1997.

RATIU, E. & MOSER, G. **Paysage et psychologie de l'environnement**. Paris: Laboratoire de Psychologie de L'Environnement, 1996.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO \)](#)

Doutora em Ciências Humanas, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

ariane@cfh.ufsc.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

**Rio Claro
ISSN 1519-8693**

Vol 1

**nº 2 p. 62 - 78
www.olam.com.br**

Novembro / 2001